

02/07/15

## **O 2 de Julho e a audácia das Mulheres**

Ao celebrar a vitoriosa guerra da Independência da Bahia não se pode prescindir de destacar a presença das mulheres naquele evento e em momentos anteriores da nossa formação histórica. Figuras femininas emblemáticas como Maria Quitéria, Joana Angélica, a mítica Maria Felipa e a índia Paraguaçu, simbolizada na imagem da Cabocla, foram exemplos que suplantaram a linha divisória das desigualdades de gênero, lançando as mulheres no frontispício da História da terra Mãe do Brasil.

Ao se travestir de homem pelo direito de defender a sua pátria, Maria Quitéria ousou satirizar a lógica patriarcal, definidora de papéis rígidos e distintos. Na guerra, os homens seriam os bravos guerreiros vocacionados às grandes conquistas, enquanto as mulheres permaneceriam circunscritas aos seus lares ou à condição de cuidadoras dos feridos, ou de esposas e namoradas de olhares perdidos nas estradas à espera do amado.

Maria Quitéria foi à luta, ousou tornar-se parte dos que se entrincheiravam para enfrentar o poderoso exército português em defesa da independência da Bahia e do Brasil. Com audácia, inteligência e destreza, conquistou a confiança de soldados, comandantes e até do imperador, já que, pela força das armas - que ela sabia manejar -, garantiria o seu lugar no Regimento de Artilharia. Quando seu pai a descobriu naquela função, os interesses de um Estado em luta pela independência se sobrepunham aos valores misóginos que dominavam a sociedade da época. O Exército Brasileiro já não dispensaria a contribuição do Soldado Medeiros, alcunha adotada pela jovem Maria Quitéria.

No Batalhão dos Periquitos, usando um fardamento verde e amarelo, então acrescido de um saiote feito por ela própria, a menina de Feira de Santana viu-se nas margens do Rio Paraguaçu, em Cachoeira, onde travou heroica batalha contra os portugueses. Também participou em Salvador das batalhas de Itapuã, da Pituba e de Ilha de Maré, liderando parcelas do povo na guerra da Bahia que consolidou a Independência do Brasil e que garantiu a integridade do território nacional. Pelo reconhecimento do seu papel na luta, a cadete Maria Quitéria foi condecorada pelo Imperador Dom Pedro I com a insígnia Cavalheiros da Imperial Ordem do Cruzeiro e promovida a Alferes de Linha.

Outra figura feminina de destaque foi a soror Joana Angélica, que defendeu com a vida a inviolabilidade do seu templo religioso, o convento da Lapa, vindo a morrer assassinada pelas tropas do general Madeira de Mello. A movimentada Avenida Joana Angélica, em Salvador, mantém cotidianamente viva a memória da freira.

Retirando a participação das mulheres negras da sombra do anonimato, a voz do povo de Itaparica nos traz a história da líder Maria Felipa. Historiadores dizem que não há prova documental da sua existência, mas há estudiosos que têm como referência o romance O Sargento Pedro, do escritor Xavier Marques, o livro A Ilha de Itaparica, do historiador Antônio Osório, entre outros, para fundamentar a materialidade da heroína. Além disso, os incríveis relatos feitos pela população sobre a figura de uma mulher negra, trabalhadora marisqueira, que liderou um grupo de mulheres e de homens itaparicanos para lutar contra o exército luso, nos impõem o existir daquela que, naqueles anos que antecederam a abolição, era parte da galeria dos sem nomes.

Diz o povo que Felipa e seu grupo, armados de peixeira e galhos de cansação, surraram soldados portugueses e queimaram diversas embarcações, entre elas, a Caminhoneira e a Barca Constituição, na Praia de Manguinhos, em 1822. Essa mulher que dá face às centenas de vultos femininos de etnia negra que participaram da Guerra da Bahia com formas próprias, tem sido devidamente resgatada pelos movimentos sociais como mais um importante ícone do 2 de Julho.

As façanhas de Maria Felipa nos remete à manifestação conhecida como Caretas do Mingau, criada por mulheres de Saubara, que, sob lençóis brancos, chapéus de palha, simulavam ser almas penadas, que saíam nas madrugadas para assustar os soldados portugueses, mas, na verdade, cumpriam o propósito de levar suprimentos para os seus maridos, soldados posicionados nas trincheiras abertas no lugarejo. A estratégia virou tradição popular e até hoje se repete, mas agora como diversão e expressão cultural.

E, finalmente, a festa de celebração da histórica vitória do 2 de Julho traz o Caboclo e a imponente figura da Cabocla. É ela o componente que mais provoca o fascínio popular, elevando a figura da mulher nos festejos. E há a tradicional volta da Cabocla, quando o trajeto do cortejo é feito inversamente e a passos de corrida, embalada por cânticos e palmas.

Vale aqui homenagear uma grande historiadora do nosso tempo, a ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, Consuelo Pondé de Sena. Ela foi uma verdadeira guardiã da história do 2 de Julho e dos seus ícones, a Cabocla e o Caboclo, que ficavam e ficam guardados durante o ano pelo IHGB, no Pavilhão Dois de Julho, na Lapinha, e só saem no dia da festa, voltando quatro dias depois.

A forte expressão popular, a diversidade feminina, nutrida por uma esperança audaciosa fizeram do 2 de Julho a festa cívica mais democrática e genuína que o povo brasileiro já produziu.

**Olívia Santana**

*Secretária Estadual de Políticas para as Mulheres da Bahia*